
Os negros que fazem o L e roubam celulares para tomar cerveja: como o pensamento meme reforça imaginários sociais do bairro de Copacabana¹

Thiago COSTA²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Embora frequentemente vistos como elementos triviais e voltados para o humor, os memes possuem a capacidade de disseminar diferentes imaginários por meio do chamado ‘pensamento meme’ (memethink). Esse processo, muitas vezes de forma quase inconsciente, pode difundir imaginários sociais que, através da ironia, acabam por camuflar discursos agressivos. Ao examinar um perfil no Instagram dedicado a relatar crimes e outros acontecimentos na zona sul do Rio de Janeiro, identificou-se que memes da internet estavam sendo empregados como ferramentas argumentativas para provocar outros usuários e ridicularizar criminosos mencionados nas postagens. Diante desse cenário, o propósito deste estudo é investigar os discursos transmitidos pelos memes, evidenciando como o humor pode reforçar imaginários sociais que exaltam bens materiais e perpetuam o racismo.

Palavras-chave: Memes; Criminalidade; Imaginário social; Preconceito; Polarização política.

1. Pensamento meme e a construção de imaginários sociais em Copacabana

A transição entre novembro e dezembro de 2023 no Rio de Janeiro evidenciou respostas visuais e sociais significativas relacionadas às mudanças climáticas e a eventos musicais. No dia 18 de novembro, a cidade registrou sua temperatura mais alta, alcançando 44,2°C, com uma sensação térmica de 59,7°C³. Esse calor extremo levou os residentes a buscar alívio em áreas mais frescas, como as praias da zona sul, seguindo o padrão de migração pendular típico dos meses de verão. No dia seguinte, a cidade recebeu a cantora americana Taylor Swift para uma apresentação de sua turnê global, atraindo um grande número de turistas.

Copacabana, um dos bairros mais icônicos do Rio, representa o status duplo da cidade como centro local e destino turístico internacional. Apesar de sua atratividade cultural e natural, o bairro enfrentou um aumento na criminalidade, incluindo roubos,

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando de Comunicação no PPGCOM-UERJ. Email: thiagolethi@ufrj.br.

³ Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2023/nov/19/brazil-temperatures-extreme-heat-danger-climate-change-inequality>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

agressões e homicídios. Perfis locais no Instagram, como a conta @alertazonasul⁴, começaram a divulgar imagens amadoras desses crimes, ampliando a conscientização pública. Uma dessas postagens (19/11)⁵ faz referência ao assalto e assassinato de um jovem que havia viajado à cidade para assistir ao show da Taylor Swift. O turista de Mato Grosso do Sul foi morto na madrugada de domingo (19) durante uma tentativa de assalto na praia de Copacabana.

Além disso, a conta compartilhou vários outros incidentes que ocorreram no bairro nas semanas seguintes. Em 4 de novembro, uma mulher foi agredida e roubada na Rua Barata Ribeiro (postagem de 21/11)⁶, e em 22 de novembro, dois idosos foram roubados no cruzamento da Avenida Nossa Senhora de Copacabana com a Rua Júlio de Castilho (postagem de 22/11)⁷. Outro incidente, em 2 de dezembro, envolveu a agressão brutal de um homem que tentou intervir durante um assalto, um ato capturado em vídeo e amplamente compartilhado (postagem de 03/12)⁸. Esses incidentes culminaram em ações de justiceiros por um grupo de moradores de Copacabana e bairros vizinhos, que, no início de dezembro, se organizaram para confrontar supostos criminosos em áreas como a Praça do Lido, Botafogo e Leme (postagem de 06/12)⁹. Uma última postagem apresenta um dos jovens envolvidos na agressão à mulher e ao idoso confessando sua participação no crime, supostamente enquanto estava em um veículo policial, o que ocorreu em 11 de dezembro. No vídeo, ele admitiu ter atacado as vítimas. De acordo com a Polícia Civil, o suspeito tinha nove acusações criminais anteriores, incluindo roubo, furto e tráfico de drogas, e essa foi sua terceira prisão¹⁰.

Esses eventos provocaram respostas variadas nas mídias sociais. A indignação com o aumento da criminalidade dominou o discurso, com alguns usuários pedindo medidas mais rigorosas contra os criminosos. No entanto, também surgiram respostas curiosas e aparentemente irrelevantes, como ‘o amor venceu’ ou ‘faz o L’, que divergem da gravidade dos crimes relatados. Essas respostas refletem o fenômeno do ‘pensamento meme’ (*memethink*) (MONAHAN; SECAF, 2017, p. 34), descrito como uma "forma de pensamento de grupo baseada em imagens", onde referências culturais são rapidamente

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/alertazonasul/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz14hQvu35o/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cz6aQuGuvlp/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cz8-TiquYI2/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C0Z78uUuJbg/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C0gmPDFODk5/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0uiJnWu2qy/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

disseminadas e recontextualizadas. Esse processo, muitas vezes manifestado por memes e frases curtas, demonstra uma forma de sincronia inconsciente (FINSTER, 2018), onde indivíduos compartilham e reproduzem símbolos culturais específicos.

O fenômeno do pensamento meme, como evidenciado em Copacabana, mostra como imaginários sociais são construídos e reforçados através das interações digitais. Essas interações revelam como o discurso contemporâneo é moldado pela troca rápida e simbólica de conteúdos. Embora o uso de humor ou ironia possa parecer insensível, ele reflete um processo cultural mais profundo, onde indivíduos buscam compreender a violência e a incerteza ao seu redor. Em vez de responder diretamente aos eventos, esses comentários ilustram a dinâmica da cultura digital, onde memes e abreviações visuais/textuais contribuem para a construção coletiva de significados.

Deste modo, pensamento meme fornece insights sobre como experiências urbanas contemporâneas são mediadas e reformuladas no espaço digital. À medida que os usuários interagem com as mídias sociais para relatar e comentar sobre ocorrências violentas, eles ajudam a formar um novo tipo de discurso público, que combina ironia, distanciamento e consciência das tendências culturais. Este artigo tem como objetivo explorar como memes textuais reforçam imaginários sociais nas plataformas de mídia social, respondendo a perguntas sobre sua prevalência, conexão com eventos documentados e o impacto do humor nesses comentários.

2. Metodologia, as origens do discurso e a turbidez da ironia

Alguns comentários expressos por meio do pensamento meme refletem a polarização política observada nas últimas eleições presidenciais. Em 13 de dezembro de 2023, as postagens analisadas no perfil @alertazonasul mostraram que criminosos eram predominantemente retratados como pessoas racializadas, o que alimenta comentários exagerados e racistas, frequentemente com ironia. Entre os 10.484 comentários analisados, identificou-se que 427 memes estavam associados a essa polarização política, compartilhados por 369 usuários. Destes, 73% eram provavelmente homens, 17,3% mulheres e para 8,9% não foi possível determinar o gênero. A maioria dos usuários possuía perfis privados (221 contas) em comparação com perfis públicos (148 contas).

Utilizando a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; PHILLIPS; JØRGENSEN, 2002; ROSE, 2016), analiso como os memes da internet, frequentemente baseados em imagens, funcionam como formas de discurso e reforçam os imaginários

dos indivíduos através do pensamento meme. A ACD examina como as práticas discursivas constroem representações do mundo, dos sujeitos sociais e das relações de poder, revelando como esses discursos servem a interesses específicos. Fairclough (2003) argumenta que os discursos projetam mundos possíveis e influenciam mudanças sociais. Phillips e Jørgensen (2002), baseando-se em Foucault, destacam que a análise deve focar em como os discursos moldam percepções da realidade, não em sua verdade ou falsidade. Rose (2016) enfatiza que o discurso estrutura como pensamos e agimos, criando sujeitos e modos de ação. A intertextualidade é fundamental para entender a formação de significados, com a visualidade atuando como uma forma de discurso que torna certas coisas visíveis e outras invisíveis.

Memes são frequentemente vistos como triviais, mas também carregam mensagens ideológicas implícitas. Costa (2023) destaca que esses elementos digitais são essenciais para compreender padrões de comportamento online e lógica cultural. Utilizando o Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR) em seis postagens da conta @alertazonasul, foram identificados termos ou expressões relacionadas a memes popularizados nas eleições de 2022. Seis memes textuais foram encontrados, cada um com origens e funções distintas.

O primeiro termo, ‘fazer o L’ e suas variações, surgiu como um slogan político para o atual presidente durante sua campanha, representando a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva. O pesquisador David Nemer (*apud* COUTO, 2023) argumenta que a função memética do termo carrega um senso de validação para o voto, tanto para os apoiadores de Lula quanto para a oposição. Ele tende a reforçar bolhas ideológicas e serve como uma forma de manter a mobilização. Como meme, facilita a comunicação digital. No entanto, o meme foi mais ativamente usado por segmentos anti-PT ou alinhados com Bolsonaro, particularmente na rede social X (anteriormente Twitter), durante os primeiros dois meses do atual governo.

De acordo com Couto (2023), o termo é utilizado principalmente para se referir a notícias sobre aumentos de preços, medidas econômicas do governo e para criticar as posições de membros do PT e da administração de Lula, sejam essas alegações verdadeiras ou não. Um fenômeno semelhante ocorreu no início do primeiro mandato do ex-presidente dos EUA, Barack Obama, com o meme ‘*Thanks Obama*’. Usado por conservadores, o termo foi empregado "para agradecer sarcasticamente ao presidente por

questões como a reforma da saúde, a dívida nacional e o derramamento de petróleo da BP no Golfo do México" (SCHWARZ, 2015, s.p.).

O segundo termo identificado foi ‘amor’. Ele apareceu em várias variações, incluindo frases como ‘turma do amor’, ‘governo do amor’ e como sujeito em expressões como ‘o amor venceu’. Esse último slogan foi criado pela campanha de Lula após sua vitória eleitoral. Esse termo funciona nas redes sociais como sinônimo de ‘Faz o L’¹¹.

Os termos ‘cerveja’ (ou ‘cervejinha’) e ‘celular’ (ou ‘celularzinho’ ou ‘iPhone’) têm origem em fake news espalhadas por Jair Bolsonaro. Em 21 de julho de 2022, Bolsonaro afirmou que Lula havia dito que um ladrão queria roubar um celular para comprar uma ‘cervejinha’. Essa alegação, repetida várias vezes, foi desmentida por agências de checagem (AOS FATOS, 2022; REUTERS, 2022), que explicaram que Lula, em 2017, falava sobre como a perda de empregos leva ao desespero e aumenta crimes como o roubo de celulares. Lula também usou uma metáfora futebolística para defender a redução das tensões no país, mencionando a ‘cervejinha’ entre torcedores rivais.

O quinto termo que emergiu foi ‘ex-presidiário’, um termo comumente associado a Lula pelo campo Bolsonaro/anti-Lula. A expressão ganhou destaque quando Bolsonaro, candidato à reeleição, comentou sobre a ausência de Lula em um debate organizado pela emissora SBT. Ele afirmou que a ausência de Lula, referindo-se a ele como presidiário e ex-presidiário, demonstrava falta de compromisso com a população. Bolsonaro então fez referência à sua própria experiência em 2018, explicando que não compareceu aos debates devido ao incidente de facada, e notou que o PT o criticou por isso na época¹². O adjetivo é usado por pessoas para questionar a competência de Lula após sua libertação da prisão, depois da anulação de suas condenações pelo Supremo Tribunal Federal, que decidiu que o tribunal responsável por o condenar durante a Operação Lava Jato não tinha jurisdição¹³.

Por fim, a última expressão identificada foi ‘leva para casa’. O termo se origina de ‘Tá com pena? Leva para casa’, uma frase que se espalhou durante o debate sobre a redução da maioria penal em 2015. Petry e Nascimento (2016) explicam que essa

¹¹ Disponível em: <https://lula.com.br/lula-e-o-novo-presidente-do-brasil-o-amor-venceu/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

¹² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-chama-lula-de-presidiario-e-ciro-diz-que-petista-esta-de-salto-alto-por-falta-a-debate/>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

¹³ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

visão surgiu como uma crítica a indivíduos que se opõem à redução da maioria penal. Esses oponentes são frequentemente rotulados como ‘defensores dos direitos humanos’ e são percebidos como simpatizantes daqueles que cometem crimes¹⁴. O termo é tipicamente usado como um contra-argumento preventivo contra aqueles que possam desafiar medidas extremas para combater o crime.

Esses memes, muitas vezes usados em comentários irônicos, refletem práticas de trollagem, onde o objetivo é provocar ou interromper discussões online (LOPEZ; MARITAN, 2015). Tais memes introduzem termos e conceitos na discussão pública, reforçando imaginários sociais (LEEB, 2019). A ironia, como estratégia discursiva, permite que os indivíduos comuniquem críticas indiretas, muitas vezes ambíguas, sobre temas polêmicos (MARQUES; BARROS, 2020). Isso ajuda a explicar como a *alt-right* consegue memetizar com sucesso vários tópicos, espalhando sua visão de mundo de maneira divertida e envolvente. Ao fazer isso, eles parecem "joviais, leves e divertidos— mesmo quando expressam as coisas mais abomináveis sobre minorias raciais e religiosas" (*apud* HAWLEY, 2017; LEEB, 2019, p. 86). O uso da ironia como estratégia discursiva por usuários comuns de redes sociais permite que eles neguem um envolvimento genuíno com ideias extremistas enquanto simultaneamente as defendem. Tais comentários são muitas vezes ambíguos, pois podem ser tanto triviais quanto sérios. Dessa forma, a ambiguidade funciona como o ‘gato de Schrödinger’¹⁵: um comentário existe tanto como ironia quanto como sinceridade até ser interpretado pelo receptor. Se o receptor compartilha as mesmas ideias, a opinião é tomada como genuína; se for crítico, o argumento é descartado como uma mera piada, supostamente absolvendo o emissor (STONER, 2023).

No entanto, dada a natureza refinada do humor irônico, por que usá-lo em respostas a postagens sobre crimes? Claudia Leeb (2019), em seu estudo sobre o humor da *alt-right* e sua releitura do trabalho de Theodor Adorno, oferece uma possível explicação. autora argumenta que o humor (da *alt-right*) funciona como um banho medicinal, entorpecendo os “potenciais consumidores da piada em relação ao sofrimento

¹⁴ Um imaginário foi criado em que o acesso aos direitos humanos é percebido como um privilégio para criminosos. Nessa visão, tais direitos são vistos como algo meritocrático, encapsulados pela frase ‘Direitos humanos para humanos direitos’ (PETRY; NASCIMENTO, 2016, p. 434).

¹⁵ Em 1935, o físico austríaco Erwin Schrödinger propôs um experimento mental em que um gato é colocado dentro de uma caixa com uma substância tóxica e uma fonte radioativa. Se um detector de radiação interno registrar radioatividade, o recipiente é quebrado, liberando a substância tóxica que mata o gato. Devido à impossibilidade de observação dentro da caixa, o gato é considerado em um estado de estar simultaneamente ‘vivo e morto’, existindo nas duas condições ao mesmo tempo.

dos outros, assim como ao próprio desespero objetivo na sociedade capitalista tardia. Como ele [Adorno] coloca, ‘diversão significa tirar as coisas da mente, esquecer o sofrimento’, mesmo quando ele está em exibição” (LEEB, 2019, p. 92, grifos do autor). Além disso, esse entorpecimento ajuda a aliviar a frustração decorrente do fracasso em alcançar seus desejos políticos—como a proteção de valores sociais, a insegurança ou a instabilidade financeira. O humor dirigido contra os outros permite que os indivíduos se sintam melhor consigo mesmos em um contexto de desesperança. A ironia nesses comentários nunca é direcionada às vítimas—aqueles que sofrem violência—mas sim aos perpetradores, neste caso, os corpos indesejados de pessoas negras em Copacabana.

3. Os Fantasmas Violentos do Último Verão

O aumento da criminalidade durante a estação quente não é uma novidade para o bairro de Copacabana. O fenômeno do arrastão, uma forma específica de furto e roubo, contribui para a percepção de violência no verão. Machado e Santos (2019) argumentam que os arrastões moldam a percepção pública das praias do Rio de Janeiro, influenciando as decisões das pessoas sobre quando e onde frequentar essas áreas. O termo surgiu no início dos anos 1990, com destaque para o ‘verão dos arrastões’ de 1992, embora tenha sido utilizado em manchetes já em 1983. Os arrastões são caracterizados por jovens, muitas vezes racializados e chamados de ‘pivetes’, que agem em grupos em locais como praias e calçadões (MACHADO; SANTOS, 2019).

Três décadas depois, a situação pouco mudou. Os cariocas se acostumaram com a violência cotidiana, até que um evento particularmente violento desencadeia uma onda de indignação coletiva. Ignácio Cano (*apud* CARNEIRO, 2010) observa que os moradores do Rio lidam com a insegurança de forma cíclica e dramática, frequentemente ignorando o problema até que um incidente amplamente divulgado o coloque em evidência, gerando uma catarse coletiva. Dados do Instituto de Segurança Pública (ISP) mostram que, entre janeiro e outubro de 2022 e 2023, Copacabana registrou aumentos de 23,5% nos furtos e 25,1% nos roubos (ALVES, 2023). Neste contexto, a pesquisa coleta dados para analisar como os memes são utilizados para lidar com essa catarse em resposta à violência percebida.

A seleção de postagens foi baseada na cobertura da mídia durante um período de crimes relacionados a agressões, furtos ou roubos que resultaram em morte. Agrupando alguns comentários nos memes analisados, podemos ter um panorama de como o

pensamento meme os estrutura. Com relação ao ‘L’, temos exemplos como: “Era só pra uma cervejinha 🍷 faz o L” (@y_f¹⁶); ““FAZ O "L" de ladrão!!!!!! 🍷🍷 Afinal ... era só pra poder tomar uma cervejinha...” (@t_o_p_o); “Faz o L seus filhos da puta” (@I_I); “Faz o L” (@x_o); “Quem fez o L tem mais é que se foder mesmo” (@g_i); “Joga a Raba, Faz o L e chama o Psol que Solta” (@r_b_b_r);

No grupo ‘Amor’ tem-se: “Aaaaa esse amor que tá tomando conta do Brasil 🥰🍷🍷 tá ficando cada vez mais lindo 🍷🍷🍷🍷🍷🍷” (@c_o_bk.rj); “GALERA QUE VOTOU NO 13 DO AMOR ❤️❤️🥰❤️ GOSTA E DEFENDE ISSO AI OOOOOOOOOOO” (@a_i); “amor venceu” (@v_s); “AS HIENAS VERMELHAS MALDITAS DO 13 DO AMOR ❤️❤️🥰❤️ DEFENDE ISSO AI OOOOOOOOOOO” (@a_i); “A GALERA DO 13 DO AMOR ❤️❤️🥰❤️ TA COM PENA !!!! LEVA OS FILHOTES DO PT PARA CASA 🏠 E CRIA” (@a_i).

O grupo formado pelos memes ‘cerveja’ e ‘celular’ há comentários tais quais: “Se tivesse dado o celular e uns trocados para a cervejinha isso não acontecia!” (@b_o); “Ué mas o menino só quer tomar uma cervejinha ...” (@a_e.s_s.7_3); “Cervejinha garantida!” (@c_7); “aaaah e só pra tomar uma cervejinha ali Cadê os manchões da GM ... OS THE BESTS” (@_o); “Era tudo que 9 dedos queria,, faz o L, e tá tudo bem. Não esqueçam do roubo do celularzinho pra tomar cervejinha” (@g_1); “Ele fez a fatalidade, disse q entende q fez a maior merda, mas ainda roubou o cara, teve paciencia pra revista-/o e fugir. Esse aí faz parte da turminha que L9 diz q são rapazes q roubam para tomar uma cervejinha com certeza o sr q foi espancado pela cria do L9 Não Fez o L” (@c_o).

No quinto grupo, ‘Ex-presidiário’, são feitos comentários como, por exemplo: “Depois que fizeram o L tudo melhorou... Principalmente a segurança pública, parabéns p quem votou no l@drao” (@r_o); “tudo normal ... Se o Presidente é um ex presidiário e terrorist@, pq os pivetes não podem roubar também?” (@b_); “É só pra tomar uma cervejinha, o presidente ladrão liberou” (@r_o); “Vinhã da Praia os eleitores do ex-presidiário” (@c_a); “Resultado da ausência e inoperância do estado, a justiça sendo feita pelas próprias mãos. A segurança piorou muito em todo o país após o ex-presidiario voltar ao poder” (@n_o.l_a).

¹⁶ Os usuários são omitidos, mas para a fim de discriminação utilizarei o primeiro e último caractere separados por um *underline*.

Por fim, no grupo ‘Leva para casa’ tem-se comentários como: “E vem as mimizentos falar que arma não resolve . . . leva pra casa bando de mimizento” (@p_8); “A justiça só existe pelas próprias mãos!!!! quem e contra leva para casa e diz que é seu!!!!” (@m_r); “Facinho de ver quem é de esquerda e a favor de bandido pelos comentários. Levar pra casa pra reabilitar vagabundo ninguém quer” (@g_i); “A única coisa que falo ... Sou a favor da pena de morte! Mas fazer não dá pra vencer o sistema. E aqueles que tem a peninha dessa vítima da sociedade que rouba e agride idoso Uma coisa eu falo Tá com penal?! Leva pra casa ...” (@c_o).

Os comentários analisados no perfil @alertazonasul demonstram como o discurso dos memes circula em contextos sociais específicos, refletindo os desafios enfrentados pela segurança pública no Rio de Janeiro. A direita política brasileira frequentemente propõe soluções imediatas, como flexibilização das leis de posse de armas e encarceramento em massa, contrastando com abordagens mais progressistas que criticariam as estruturas sociais subjacentes. Chauí (2021) explica que a direita se beneficia da aceitação do senso comum, o que facilita sua comunicação e persuasão. Em contraste, a esquerda enfrenta o desafio de desmontar o senso comum, desconstruir a realidade aparente e construir um novo discurso crítico.

O argumento de Chauí (2021) ressoa com a concepção de violência de Žižek (2008). O filósofo enfatiza que a violência pode ser entendida tanto como subjetiva quanto objetiva. No entanto, essas duas formas não podem ser observadas simultaneamente porque estão estruturadas dentro de uma paralaxe. A violência subjetiva é a forma mais visível, praticada por um agente, e é percebida como uma ruptura da norma, contrastando com sua ausência. No entanto, ela não pode ser totalmente compreendida sem considerar a violência sistêmica invisível, incorporada na vida cotidiana. Por outro lado, a violência objetiva é essencialmente o ‘núcleo’ da ideologia capitalista. Ela só se torna aparente quando há uma ruptura no funcionamento suave do capitalismo ou uma mudança na paralaxe, como coloca Žižek (2008). É nesse momento que começamos a perceber a violência do Estado como violência, em vez de apenas como guerra. Essa forma de violência pode ser entendida como sistêmica ou simbólica. A violência sistêmica surge do funcionamento eficiente de nossos sistemas sociais e é semelhante à matéria escura, manifestando-se no colonialismo, antagonismo de classes e assim por diante. A violência simbólica, por sua vez, refere-se à violência implícita e não reconhecida da dominação intersubjetiva (capitalista), com a ideologia sendo sua

característica mais proeminente. De uma perspectiva lacaniana, ela reside nas estruturas implícitas da linguagem e do gozo. A direita foca na violência subjetiva, clamando por ações mais drásticas, enquanto a esquerda tende a abordar a violência objetiva, defendendo reformas estruturais.

O preconceito racial também é um aspecto importante dos comentários, com pessoas negras frequentemente vistas como intrusas em áreas como Copacabana. Pinassi (2016) e Almeida (2018) destacam que o racismo é sistêmico e se manifesta na segregação racial e na percepção negativa de pessoas negras fora de suas comunidades. Comentários que promovem penalidades severas para pessoas negras e exaltam a justiça pelas próprias mãos ilustram esse viés racial. A pesquisa de Karnal e Estevam (2023) sobre o preconceito ressalta que ele surge a partir de generalizações e se solidifica através da criação de identidades e culpabilização de bodes expiatórios.

Quando alguém usa ‘fazer o L’ e ‘amor’ ou suas variações de forma irônica, está propagando um sentimento de revolta contra a atual administração presidencial. Embora Bolsonaro tenha sido o candidato mais votado em cerca de 76% dos municípios do Rio de Janeiro, Lula venceu na maioria das zonas eleitorais da capital, incluindo Copacabana (G1, 2023). Assim, o aumento da criminalidade, indicado pelos dados do ISP, é retratado como um castigo divino pela escolha do bairro de ‘fazer o L’ e pela ‘vitória do amor’ nas eleições. Uma abordagem reducionista pode sugerir que tais comentários são de eleitores do ex-presidente Bolsonaro; no entanto, isso não pode ser afirmado de forma definitiva. No entanto, há um claro sentimento anti-PT e anti-Lula nesses comentários.

Os termos ‘celularzinho’ e ‘cervejinha’ derivam dos dois pontos anteriores, originados de uma narrativa de fake news que reforça o descontentamento com o governo atual. Além da visibilidade dos crimes, os comentários refletem a indignação com a impunidade percebida daqueles que ‘roubam um celular para comprar cerveja’. De acordo com dados do ISP, o número de prisões feitas em Copacabana caiu 11% de janeiro a outubro de 2022 (ALVES, 2023). Embora os criminosos sejam presos, muitos são reincidentes no sistema penal. Das 70 prisões feitas no bairro entre janeiro e junho de 2023, quase 70% eram reincidentes (ARAÚJO; ALVES; COSTA, 2023). Três casos se destacam: um indivíduo tinha 17 acusações de furto, roubo e receptação, e havia sido preso e liberado em 1º, 5 e 26 de novembro de 2023. Outra detida, uma mulher, tinha 13 acusações de furto e havia sido presa duas vezes no mesmo ano. Um terceiro homem tinha seis registros policiais anteriores, com três prisões ocorrendo em 12, 14 e 18 de setembro

por furto, roubo e porte de arma branca (ARAÚJO; ALVES; COSTA, 2023). Esse contexto alimenta um sentimento de impunidade judicial, que é reforçado pelo ressentimento em relação à atual administração presidencial.

Os termos ‘ex-presidiário’ e ‘levar para casa’ estavam entre os menos frequentes—aparecendo 10 e 16 vezes, respectivamente—mas ainda assim são significativos. O primeiro está vinculado a frases como ‘fazer o L’ e ‘amor’, mas de maneira menos irônica e mais insultante em relação a Lula. O último termo glorifica a justiça pelas próprias mãos, enfatizando as punições que os criminosos enfrentam, muitas vezes elogiadas por uma parcela significativa da população. Alguns até consideram os grupos de justiceiros como ‘anjos’ (MACHADO; SANTOS, 2019). No Brasil, de acordo com Pádua (*apud* PUFF, 2014), a lei é vista como uma ferramenta pouco confiável para a regulação social. O ditado ‘para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei’ reflete essa atitude. Devido à falta de confiança no sistema judicial, a polícia muitas vezes recorre à violência, acreditando que o sistema de justiça é lento e ineficaz. Na Zona Sul, jovens formam gangues para impor sua própria justiça, espelhando a lógica das milícias e dos traficantes.

Após os incidentes de novembro em Copacabana, um instrutor de jiu-jitsu convocou os moradores locais a caçar criminosos. Ele esclareceu que não estava promovendo a violência, mas sim a autodefesa e a proteção dos cidadãos cumpridores da lei (O DIA, 2023). Embora a justiça pelas próprias mãos seja crime, conforme o Artigo 345 do Código Penal Brasileiro, muitas vezes é ignorada por aqueles que a praticam. Žižek (2023), reinterpretando Hegel, refere-se a isso como liberdade abstrata—uma capacidade de agir sem consideração pelas regras sociais, manifestando-se em uma negatividade radical. Em muitos casos, esse tipo de liberdade é justificado pela necessidade de prevenir um mal maior. Žižek (2023) argumenta que, semelhante à forma como o budismo encontrou maneiras de justificar matar em guerras após a morte de Buda, as pessoas justificam ações extremas sob certos pretextos.

Um incidente em São Paulo, em abril de 2023, ilustra essa noção de liberdade. Um motorista atropelou e matou um homem que havia acabado de cometer um roubo. Após saber sobre o crime, o motorista estacionou seu carro em cima do suposto ladrão e transmitiu o evento ao vivo. No vídeo, ele fez piadas sobre a situação e comentou sobre a chegada de ativistas de Direitos Humanos, insistindo que o carro ficasse no lugar até que a polícia chegasse (ASSAD, 2023). Em outra parte do vídeo, ele postou ‘Menos um fazendo o L’, ecoando o conteúdo analisado nesta pesquisa. A maioria dos furtos e roubos

envolve bens materiais, evocando a noção de propriedade privada. Dentro de um quadro capitalista, o roubo é moralmente errado, mas matar para recuperar a propriedade roubada é frequentemente elogiado.

O economista argentino Ricardo Aronskind (*apud* RIO NEGRO, 2020) sugere que, se matar para roubar um celular é errado, mas matar para recuperá-lo é justificado, o verdadeiro problema não é o ato de matar, mas a violação da propriedade privada. Aronskind esclarece que essa perspectiva não é uma defesa do ladrão, mas uma crítica aos valores da sociedade, destacando como matar alguém por roubar um celular não é heróico. Ele também aponta que a evasão fiscal, outra forma de roubo, é muitas vezes ignorada, revelando uma tolerância social para certos tipos de roubo. Isso reflete um viés de classe ideológico, que condena duramente pequenos criminosos, enquanto mostra leniência para grandes sonegadores de impostos.

É raro ver justiceiros caçando criminosos de colarinho branco ricos, acusados de sonegação fiscal. Em vez disso, justiceiros visam grupos marginalizados, particularmente pessoas negras, que são frequentemente desumanizadas. Petry e Nascimento (2016) sugerem que crimes de colarinho branco e corrupção policial não provocam o mesmo nível de retaliação que crimes cometidos por adolescentes negros. Eles também observam que a repressão policial e os assassinatos de jovens negros muitas vezes não são percebidos como violações dos direitos humanos, mas às vezes são vistos como métodos legítimos de resolução de conflitos. Nesses casos, o furto de bens materiais por pessoas negras revela o funcionamento de uma visão de mundo capitalista que reforça estigmas sociais e resulta em violência física e simbólica.

4. Considerações Finais

O discurso do pensamento meme presente nas respostas do perfil analisado revela um imaginário compartilhado entre seus seguidores, marcado pelo racismo, alimentado por ansiedades enraizadas na ideologia neoliberal. Embora os memes sejam usados de forma irônica, eles carregam uma agressão velada, semelhante ao gato de Schrödinger— existindo em um estado entre o humor e o discurso de ódio. Embora o material coletado represente apenas cerca de 4,07% dos itens reunidos por meio da metodologia de coleta de termos, as ideias subjacentes se estendem por outros termos que não foram abordados nesta pesquisa. Apesar de sua baixa incidência durante o período coletado, esses termos

persistem não apenas no perfil analisado, mas também em vários discursos brasileiros, tanto online quanto offline.

De modo geral, esses comentários não parecem depender da mediação de um crime. Entre as seis postagens analisadas, as três com o maior número de comentários foram reels, um formato de vídeo que, com a ajuda de algoritmos, alcança um público mais amplo e obtém maior retenção. As postagens mais comentadas foram de 21 de novembro, 3 de dezembro e 6 de dezembro, coincidindo com uma maior frequência de memes analisados nessas publicações.

Esse discurso, expresso de forma humorística e quase inconsciente, amplifica o discurso de ódio. Petry e Nascimento (2016) enfatizam que, uma vez que o discurso de ódio é compartilhado nas redes sociais, ele afeta a vítima não apenas de forma simbólica, mas também por meio de ameaças reais. A ironia pode atuar como um ‘banho medicinal’ (ADORNO *apud* LEEB, 2019), servindo para ridicularizar os outros e aliviar as ansiedades de viver em uma sociedade que está longe do ideal.

Essa ansiedade se manifesta como uma forma de racismo que visa aqueles que não são bem-vindos em bairros como Copacabana. Pessoas negras, muitas vezes referidas como pivetes, são desumanizadas e submetidas a diversos comentários que buscam sua erradicação social e simbólica. Não é coincidência que grupos de justiceiros frequentemente surjam após eventos criminais em bairros afluentes, produzindo uma catarse coletiva que leva os moradores a caçar criminosos nas ruas. Esses criminosos são frequentemente pessoas negras e pobres.

Esta pesquisa demonstra como memes e seus imaginários associados podem ser usados de forma irônica em comentários para provocar e prejudicar os outros—tanto online quanto offline. Embora este estudo tenha certas limitações metodológicas, pesquisas mais aprofundadas poderiam confirmar se os achados aqui se alinham com padrões sociais mais amplos.

Referências

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, R. Índices de furtos e roubos disparam em Copacabana, que vive rotina de cenas de violência. **G1**. 05 dez 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/12/05/indices-de-furtos-e-roubos-disparam-em-copacabana-que-vive-rotina-de-cenas-de-violencia.ghtml>. Acesso em: 10 Dec 2023.

AOS FATOS. Em 1.459 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsa ou distorcidas. **Aos Fatos**. 30 dez 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/?q=celular&o=#i>. Acesso em: 10 Dec 2023.

ARAÚJO, V.; ALVES, V.; COSTA, J. V. Mais da metade dos presos pelo Segurança Presente em Copacabana possui antecedentes criminais; um deles com 17 acusações. **O Globo**. 06 dez. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/12/06/problema-social-mais-da-metade-dos-presos-pelo-seguranca-presente-em-copacabana-possui-antecedentes-criminais.ghtml>. Acesso em: 10 Dec 2023.

ASSAD, P. Motorista debocha de homem que matou atropelado, em SP: ‘Não posso tirar o carro, senão o cara foge’. **O Globo**. 01 mai 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/motorista-debocha-de-homem-que-matou-atropelado-em-sp-nao-posso-tirar-o-carro-se-nao-o-cara-foge.ghtml>. Acesso em: 10 Dec 2023.

CARNEIRO, J. D. Sociólogo vê alarme exagerado com arrastões no Rio de Janeiro. **BBC Brasil**. 22 nov 2010. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101122_arrastoes_jc_pai. Acesso em: 10 Dec 2023.

CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**: O Direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

COSTA, T. Um bando de lobos solitários: Uma análise dos memes de mentalidade Sigma na machosfera do Instagram brasileiro. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 12, n. 22, p. 269-290, 2023.

COUTO, M. ‘Faz o L’: entenda a batalha pelo slogan nas redes e veja o desempenho de governo e oposição. **O Globo**. 26 fev 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2023/02/faz-o-l-entenda-a-batalha-pelo-slogan-nas-redes-e-veja-o-desempenho-de-governo-e-oposicao.ghtml>. Acesso em: 10 Dec 2023.

FINSTER, T. Everybody thinks in memes now. **Dazed**. 6 jul 2018. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/life-culture/article/40583/1/memethink-genexit-box1824-report-normcore-memes>. Acesso em: 10 Dec 2023.

G1. Bolsonaro ganhou em 70 municípios do RJ; Lula, em 22. 03 out 2022. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/eleicao-em-numeros/noticia/2022/10/03/bolsonaro-ganhou-em-70-municipios-do-rj-lula-em-22.ghtml>. Acesso em: 10 Dec 2023.

KARNAL, L.; ESTEVAM, L. **Preconceito**: Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

LEEB, C. Laughing at the other: Towards an understanding of the Alt-Right with Adorno. In: A. KHANDIZAJI. (Ed.). **Reading Adorno**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019. p. 75-100.

LOPEZ, D. C.; MARITAN, M. (2015). Trolls e o futebol no Facebook: Um estudo sobre os comentários do clássico mineiro no perfil da rádio Itatiaia. In: **INTERCOM Sudeste**, 20, 2015, Uberlândia. Anais [...] Uberlândia, 2015, p. 1-15.

MACHADO, A. B.; SANTOS, M. O. O arrastão vai à praia; Gentes, redes e visibilidades no balneário carioca. **Confins**, n. 39, p. 1-18, 2019. <https://doi.org/10.4000/confins.18302>.

MARQUES, G. G., B. S.; BARROS, K. S. M. A ironia como atividade política em interações online. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 366-385, 2020

MONAHAN, S.; SECAF, S. **GenExit**. [s. l.]: YÖNE, 2017.

O DIA. ‘Justiceiros’ criam grupos para combater violência em Copacabana. **O Dia**. 06 dez 2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2023/12/6753423-justiceiros-criam-grupos-para-combater-violencia-em-copacabana.html>. Acesso em: 10 Dec 2023.

PETRY, H.; NASCIMENTO, D. M. “Tá com dó? Leva pra casa!”. Análise dos discursos favoráveis à redução da maioria penal em rede social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36 n.2, p. 426-438, 2016.

PINASSI, M. O. No mundo do capital, a ocasião faz o ladrão. **Margem Esquerda**, v. 8, p. 42-49, 2006.

PUFF, J. Justiceiros sinalizam alerta para sociedade carioca. **BBC Brasil**. 14 fev 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140214_justiceiros_rio_ip. Acesso em: 10 Dec 2023.

REUTERS. É falso que Lula tenha dito que ladrões roubam celulares para tomar cerveja. **Reuters**. 30 set 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/fact-check-lula-celular-cerveja-idUSL1N311300/>. Acesso em: 10 Dec 2023.

RIO NEGRO. Aronskind: “Da la sensación de que la propiedad privada es más sagrada que la vida”. **Rio Negro**. 02 ago 2020. Disponível em: <https://www.rionegro.com.ar/da-la-sensacion-de-que-la-propiedad-privada-es-mas-sagrada-que-la-vida-1447571/>. Acesso em: 10 Dec 2023.

ROSE, G. **Visual Methodologies**. Londres: Sage, 2016.

SCHWARZ, H. ‘Thanks Obama’. The evolution of a meme that defined a presidency. **Washington Post**. 13 fev 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/02/13/thanks-obama-the-evolution-of-a-meme-that-defined-a-presidency/>. Acesso em: 10 Dec 2023.

STONER, E. Schrödinger’s joke. The weaponisation of irony and humour in the alt-right. **Global Network**. 28 jul 2023. Disponível em: <https://gnet-research.org/2023/07/28/schrodingers-joke-the-weaponisation-of-irony-and-humour-in-the-alt-right/>. Acesso em: 10 Dec 2023.

ŽIŽEK, S. **Freedom: A Disease Without Cure**. Londres: Bloomsbury, 2023.

_____. **Violence**. Nova York: Picador, 2008.